



A GUERRA DO PARAGUAI: UM LABORATÓRIO DE DOCTRINA MILITAR TERRESTRE POUCO EXPLORADO



Cláudio Moreira Bento(x)
- Historiador Militar e Jornalista -

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itaiaiense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba e Rio Grande do Sul e CIPEL etc. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itaiáia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.

OBS. Trabalho digitalizado da **Revista Militar Brasileira** de jan/mar 1982, p.89/94 e expressivamente ampliado e palestra em Uruguaiana e agora para disponibilizá-lo na Internet em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. É copia para integrar o acervo da FAHIMTB na AMAN em levantamento para o Sistema de Bibliotecas do Exército. Foi conferência feita para estudantes no Auditório do antigo CPOR/BH em 1982, como comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá.

Uma contribuição ao Simpósio sobre a Guerra do Paraguai, em Uruguaiana, nos 150 anos de seu início, em setembro de 2015 e de homenagem aos pensadores militares do Exército, os patronos de cadeiras na FAHIMTB, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e coronéis João Batista Magalhães e Amerino Raposo Filho e, dedicada aos profissionais do Exército Brasileiro responsáveis pela análise histórica militar terrestre crítica, à luz dos fundamentos da Arte e da Ciência da Guerra, da História Operacional do Exército, com vistas a dela retirar subsídios sobre erros e acertos praticados em nossas lutas externas e internas, para os incorporar a instrução do Quadros e da Tropa e para o desenvolvimento progressivo de sua Doutrina Militar, tudo com a finalidade de melhor prepará-lo para o seu eventual emprego operacional em defesa do Brasil, do seu Povo e de suas riquezas nas Amazônias Verde e Azul, conforme se conclui de Diretriz do Estado-Maior do Exército que orienta as Atividades de História no Exército.

Caracterização Sumária

De 1865 a 1870, a Bacia do Rio da Prata foi o cenário do maior conflito entre nações das Américas - a Guerra do Paraguai. Ela envolveu de um lado do Brasil, a Argentina e o Uruguai, que formaram a Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai. Seu início teve lugar logo depois de término da Guerra de Secessão nos EUA, um conflito interno entre o Norte industrial e o Sul agropecuário e escravista daquele país.

A Guerra de Secessão a considero o primeiro grande conflito da

Era Industrial. Conflito que foi o prenúncio da Guerra Total. Nele, com o apoio na máquina a vapor foi possível a produção, em série, de munições e armamentos que aumentaram consideravelmente a densidade de fogo na superfície do campo de batalha. Isto obrigou o combatente, para sobreviver, a enterrar-se no terreno à procura dos abrigos, mais conhecidos por trincheiras – a marca registrada da 1ª Guerra Mundial em sua primeira fase.

A Guerra de Secessão, com a qual a Guerra do Paraguai apresenta muitas semelhanças e recebeu fortes influências, somente foi estudada criticamente, á luz dos fundamentos da Arte e Ciência da Guerra, entre as duas últimas Grandes Guerras.

Os chefes, pensadores, planejadores e historiadores militares norte-americanos lamentaram profundamente o atraso do estudo, em razão dos valiosos ensinamentos que ela sugeria e que poderiam ter sido incorporados á Doutrina Militar do Exército dos EUA na I Guerra Mundial. E, mais, eles se conscientizaram da importância do conflito no contexto da evolução da Doutrina Militar Mundial.

Importância Histórica- Militar da Guerra do Paraguai

A Guerra do Paraguai, o maior conflito entre nações das Américas e a maior experiência bélica do Brasil até hoje, carece de um estudo crítico militar mais profundo, como de resto quase toda História Militar Terrestre do Brasil. Esta vinha sendo estudada, na maioria das vezes, de forma empírica, ao invés de científica ou crítica a luz dos fundamentos da Ciência e da Arte Militar. Sua abordagem vinha sendo feita, predominantemente, de maneira descritiva e não crítica ou analítica. Sob os dois últimos aspectos, crítico e analítico, é que a História Militar contribuiu para a formação dos grandes Capitães da História: Júlio Cesar; Alexandre, o Grande; Gustavo Adolfo; Frederico, o Grande; Napoleão e tantos outros, conforme eles mesmos proclamaram, bem como do nosso grande Duque de Caxias, que encontrou nas manobras de flanco Humaitá e Piquiciri, na Guerra que ora abordamos , passaporte seguro para figurar, sem favor nenhum, na galeria dos grandes Capitães da História ou dos grandes

mestres da Arte da Guerra. Estudo crítico ou analítico da História Militar, assim enfatizado, por Frederico, o Grande, ao professor da matéria seu filho:

“Não ensine História Militar a meu filho como se ensina a um papagaio. Faça-o meditar, racionar e tirar conclusões próprias e ensinamentos.”

As abordagens predominantes descritivas e não críticas ou analíticas e também mencionadas como científicas de nossa História Militar, à luz dos fundamentos de uma Doutrina Militar, contribuíram para o desprestígio da disciplina entre nossos chefes militares. E isto era justificável, por não verem eles resultados práticos das atividades de História, no sentido de contribuições para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar Brasileira, com índices progressivos de nacionalização, mas incorporando o que de melhor existir em doutrinas de Exércitos de grandes potências e potências militares mundiais..

Índices progressivos de nacionalização calcados no estudo crítico-militar de nossas experiências acumuladas em quase 5 *séculos, em lutas internas e externas, nos mais variados rincões do Brasil*. Experiências predominante vitoriosas, que contribuíram para configurar e manter um Brasil de dimensões continentais, que não são obra de um milagre. Mas sim fruto, em grande parte, de judiciosas soluções estratégicas, táticas e logísticas militares brasileiras. Soluções decorrentes, por seu turno, da correta aplicação dos fundamentos da Arte e Ciência da Guerra ao problema brasileiro, por militares portugueses e brasileiros do passado, caracterizados por um fator de decisão militar constante - o **Terreno brasileiro**, com suas variadas características - e por um importante e característico elemento do Fator Militar - **O soldado brasileiro**.

Acreditamos que muitas daquelas soluções, se estudadas criticamente por chefes, pensadores, planejadores e historiadores militares brasileiros, servirão de ferramentas para alicerçar o Exército

Brasileiro do futuro. Um Exército, esteio terrestre da defesa de um Brasil Potência por nós sonhado e possuidor de **Poder Militar Defensivo Dissuasório Compatível**, para proteger as nossas riquezas minerais de nossa Amazônia Verde, o Povo e a Integridade e a Soberania do Brasil. Um país hoje como o bordão presidencial **Brasil rico e país sem pobreza**. Bordão que com o apoio nas lições da História Militar mundial, como historiador militar há 44 anos eu complementaria com a expressão **e militarmente seguro**.

Ou melhor assim;

Brasil país rico e sem pobreza e militarmente seguro!!

Militarmente seguro, ao dispor de um Exército, como um componente do **braço armado do povo brasileiro** e dotado de uma Doutrina Militar com expressivos índices de nacionalização. Isto como fruto, em parte, de análise crítica do seu passado, por profissionais militares, para o entendimento do seu presente e desenvolvimentos das capacidades de estimar o seu futuro militar e de formular, consolidar e praticar Doutrina Militar dinâmica e coerente com este futuro, conforme procederam os Exércitos das grandes potências e potências militares.

Creio que se a Guerra do Paraguai for estudada criticamente a fundo pelos países que nela combateram, como o foi a Guerra de Secessão pelo Exército dos EUA, em data recente, trará valiosa contribuição aos militares sul-americanos em apoio a uma Doutrina Militar das nações integrantes do MERCOSUL, para o defenderem militarmente, se necessário, no insondável terceiro. Milênio apenas iniciado.

É possível que a Guerra do Paraguai venha a ser considerada, como a considero, como o primeiro grande conflito entre nações na Era Industrial. Como se verá, nela a máquina a vapor se fez presente nos navios de nossa Marinha, numa ferrovia do adversário e numa ferrovia logística construída por nossa Marinha.

O Brasil - potência mundial deverá, necessariamente, ser potência militar. Ao estudar e analisar criticamente as grandes potências mundiais, na qualidade de pesquisador e instrutor de História Militar de 1978/80 na Academia Militar das Agulhas Negras, chegamos a uma conclusão simples: Todas são potências militares, possuidoras de Doutrina Militar própria ou com elevados índices de nacionalização. Nenhuma copiou doutrina alienígena, sem a adaptar as suas realidades operacionais, como Caxias procedeu em 1861,

como Ministro da Guerra e Chefe do Governo do Brasil, ao adaptar as realidades operacionais sul americanas. que ele vivenciara em 5 campanhas militares vitoriosas em que comandara o Exército , a Doutrina Militar do Exército de Portugal, de influência inglesa feita para as realidades operacionais européias.

O campo de batalha foi, é e continuará sendo o melhor laboratório de pesquisa para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar.

Não existe nenhum sucedâneo eficiente. O que longe se aproxima são as manobras. Estas por sua vez, de alto custo.

E em **Os Lusíadas**, Luiz de Camões, o poeta soldado que perdeu uma vista em combate, na área onde fica o Viet Nam, em sua missão de contribuir para conquistar o Pensamento Político de Portugal: **Dilatar a Fé Católica e o Império Português**, assim referiu de certa forma a Doutrina Militar como A Disciplina Militar Prestante, ao afirmar.

“A Disciplina militar prestante, não se aprende senhores na fantasia, senão vendo. tratando e pelejando.”

Vendo, considero como estudando, tratando, considero como participando de manobras militares e pelejando como participando de combates. E assim absorvendo as normas da Doutrina Militar que regulam a força militar a que pertence.

Acreditamos que a Guerra do Paraguai, o maior e mais marcante conflito enfrentado pelo Brasil e o maior entre nações das Américas,

ainda se constitua em importante laboratório, com vistas ao desenvolvimento das Doutrinas Militares. Isto não só a do Brasil, com a de nossos irmãos uruguaios, argentinos, bolivianos e paraguaios. Para os dois últimos o valor será maior, se esta experiência for comparada com a última que ambos tiveram, ao se defrontarem na Guerra do Chaco em 1935 - a última guerra convencional envolvendo nações das Américas.

O então Marquês de Caxias, Ministro da Guerra e experimentado e consagrado infante de vocação e tradição, ao adaptar para o nosso Exército em 1861 as Ordenanças de Infantaria do Exército de Portugal, o fez com ressalva de que essas estariam em vigor.

“Até que nosso Exército possuísse uma doutrina genuína.”

E foi esta doutrina militar de Portugal adaptada as realidades operacionais sul-americanas por Caxias que foram seguidas por nosso Exército durante toda a Guerra do Paraguai.

O Marechal Floriano Peixoto, como Presidente da República, determinou que o Oficial Engenheiro Cel Emilio Jourdan, veterano da guerra e construtor de algumas pontes da célebre Estrada do Chaco, escrevesse uma história do conflito, para servir de subsídio

“Aos alunos de nossas escolas militares, com o objetivo “ de conhecerem as realidades operacionais sul-americanas.”

O Marechal Bernardino Borman, veterano da guerra, ajudante-de-ordens e biógrafo de Duque de Caxias, e mais tarde chefe do Estado-Maior do Exército, com aquele objetivo escreveu a sua visão da Guerra do Paraguai.

Ainda oficial de Estado-Maior, o mais tarde General Tasso Fragoso, patrono de cadeira da FAHIMTB ,começou a estudar aquele conflito. Seu estudo foi traduzido na monumental obra **A Guerra da Tríplice Aliança** - editada quando era chefe do Estado-Maior do Exército

Obra predominantemente descritiva, foi trabalhada tecnicamente pelo Coronel Ruas Santos, patrono de cadeira da FAHIMTB e introdutor na AMAN em 1959 da História Militar Crítica, à luz dos Fundamentos da Arte e Ciência Militar por influência do Marechal Castelo Branco, e foi quem a enriqueceu e a transformou em instrumento de trabalho indispensável a estudos críticos futuros.

O Estado-Maior do Exército em sua Portaria 061, de outubro de 1977, marcou os seguintes objetivos para as atividades de História no Exército:

- Contribuir para a formação e o aperfeiçoamento dos quadros e da tropa;**
- Contribuir para o desenvolvimento da doutrina das Forças Terrestres brasileiras;**
- Preservar e divulgar o Patrimônio Histórico-Cultural do Exército.**

Com isto, orientou a História no Exército para aspectos predominantemente crítico-militares, em apoio à formação dos seus quadros e ao desenvolvimento de uma doutrina militar terrestre brasileira, tarefa que há 18 anos a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil FAHIMTB, desde 1996 acolhida em instalações da AMAN se empenha em realizar, em cooperação com o nosso Exército e em especial com sua reserva pro-ativa que se dedica aos estudos de História de nosso Exército.

Causas da Guerra do Paraguai para o Brasil

O Brasil foi à guerra contra o Governo do Paraguai depois de sua Soberania e Integridade serem violadas pelo Governo do adversário:

Agressão à Soberania, através da ameaça à livre navegação brasileira nos rios Paraná Paraguai, caracterizada pela ereção da fortaleza de Humaitá sobre o rio Paraguai, e prisão, em Assunção, do Presidente de Mato Grosso, quando, depois de partir do Rio de Janeiro, viajava para assumir o seu posto.

Os rios Paraná e Paraguai eram elos fazia dois séculos de ligação do Centro do Poder do Brasil com sua Província de Mato Grosso.

Agressão à Integridade materializada pelas invasões e ocupações temporárias de territórios brasileiros no Rio Grande do Sul e em Mato Grosso.

Desenvolvimento da Guerra - Síntese

Ofensiva Adversária

A iniciativa das nações coube ao adversário. Manobrando em linhas interiores ele invadiu o indefeso sul de Mato Grosso. Em Douradas, ocorreu o épico episódio da resistência até a morte do Tenente Antônio João, atual Patrono dos Oficiais do Quadro Auxiliar.

Depois foi a vez da província argentina de Corrientes e do Rio Grande do Sul.

Em 11 de junho de 1865, nossa Marinha obteve a retumbante e decisiva vitória naval de Riachuelo, a maior batalha naval da América do Sul e ponto de inflexão do conflito, de **Ofensiva Estratégica** para **Defensiva Estratégica** adversária.

Nesta batalha, forças navais e terrestres brasileiras embarcadas, puserem fim á capacidade **Ofensiva Estratégica** do adversário.

O termino da Ofensiva adversária, no sul, foi selado com a rendição em Uruguaiana, aos aliados, das tropas invasoras, em presença do Imperador D. Pedro II.

A invasão adversária da província de Corrientes provocou o ingresso da Argentina na Guerra. Foi formada então a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai.

Ofensiva Aliada

Os aliados, depois de Uruguaiana, passaram à **Ofensiva**, tendo como objetivo militar estratégico a conquista da **Fortaleza de Humaitá** e, político-estratégico, a conquista de **Assunção**, capital adversária.

Em 16 e 17 de abril de 1866, sob a liderança do intrépido General Osório, atual Patrono da Cavalaria do nosso Exército, forças

navais e terrestres aliadas, em ação conjunta, em operação que poderíamos hoje classificar de Anfíbia, transpuseram o rio Paraná em Passo da Pátria, concretizando a invasão do território do adversário. Isto depois de bem sucedida ação diversionária sobre o Forte Itapiru, consumada com a conquista e manutenção da Ilha da Redenção,

por uma Força-Tarefa integrada por infantes, artilheiros e engenheiros ao comando do Tenente-Coronel, Vilagran Cabrita, atual Patrono da Arma de Engenharia de nosso Exército, que nesta ação perdeu a vida, há 150 anos, atingindo por obus adversário quando redigia a parte da Vitória.

Prosseguindo o avanço aliado, ainda sob a liderança de Osório, travou-se a **Batalha de Tuiuti**, em 24 de maio de 1866, a maior batalha campal da América do Sul. Esta batalha pôs fim à **Capacidade ofensiva estratégica** adversária. Nela, Osório, liderando uma manobra **defensiva em posição**, conseguiu anular o **duplo envolvimento** intentado pelo adversário. Foi ferido mortalmente nesta batalha o Brigadeiro Sampaio - atual Patrono da Infantaria de Exército, **o Bravo dos Bravos de Tuiuti**, após desenvolver papel decisivo para vitória à frente de sua bem treinada e valente Divisão de Infantaria Encouraçada. Destacou-se e consagrou-se igualmente o então Coronel Emílio Mallet, atual Patrono da Artilharia, com sua "**Artilharia Revólver**" postada atrás de um fosso escavado pelo Batalhão de Engenheiros de Conrado Bittencourt que integrava a sua Artilharia e que amparou e manteve o seu flanco esquerdo, atuando como Infantaria. E em sua manobra de **Penetração**, ao longo do rio Paraguai, os aliados sofreram sério revés frente à **fortaleza de Curupaiti**. O insucesso desse desastre cobrou o alto preço de cerca de 4000 vidas brasileiras, resultado da inobservância do **Princípio da Unidade de Comando**, agravado pelo não-reconhecimento da posição e descordenação dos ataques terrestres e destes com os navais. Era impositivo um **Comando único**. E Caxias, do Partido Conservador foi nomeado comandante pelo Partido Liberal no poder. E arquitetou suas vitórias! Depois de obter suficiente suporte logístico passou a ação. **Flanqueou Humaitá** e fez cair, pela manobra, este

Objetivo Militar Estratégico que deteve por 2 anos os Aliados. A sua ultrapassagem e conquista representou a perda da **Capacidade defensiva estratégica** adversária. Para vencê-la, Caxias usou dois balões cativos de reconhecimento que mandou vir dos EUA e que inicialmente foram operados pelos irmãos Allen, veteranos do Exército

da União na Guerra de Secessão. A nossa Marinha construiu pequena ferrovia para realizar o apoio logístico da parte da Esquadra infiltrada entre as fortalezas adversárias de **Curupaiti** e **Humaitá**.

Prosseguindo rumo ao **objetivo final - Assunção**, os aliados se defrontaram com fortificações apoiadas no arroio **Piquiciri**. Para ultrapassá-las, Caxias concebeu ousado plano de abordá-las através de estrada a construir sobre o Chaco, para cair de surpresa sobre a retaguarda profunda do adversário, cortando a ligação que este mantinha com Assunção.

Seu plano implicava em correr **Risco Calculado**. Ou seja: sacrificar o **princípio de guerra Segurança**, ao atravessar com o grosso de suas tropas uma região sujeita a inundações repentinas. Isto, em benefício do **princípio de guerra Surpresa**. No caso, desembarcar na retaguarda profunda adversária, sem lá ser esperado, e colher assim todas as vantagens militares decorrentes.

O Corpo de Pontoneiros do Rio Grande do Sul e o Corpo de Engenheiros do Rio de Janeiro executaram, com grandes sacrifícios, 8 pontes, e cerca de 8 quilômetros de picadas, e a estivaram com milhares de troncos de palmeiras o caminho da vitória aliada - **a Estrada do Chaco** - feito épico, orgulho de nossa Engenharia de Combate e sobre a qual marcharam os infantes, cavalgaram os cavalarianos e foram tracionadas algumas peças de Artilharia que, sob o comando pessoal do atual Duque de Caxias e Patrono do Exército Brasileiro, e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e suas 4 AHIMTB filiadas, caíram de surpresa na retaguarda profunda adversária em Santo Antônio, obtendo a **Surpresa Estratégica**. Esta circunstância incomum na guerra é o prêmio mais cobiçado dos verdadeiros artistas da guerra,

por proporcionar a vitória com o mínimo desgaste e com o máximo rendimento militar.

Teve lugar então a **Dezembrada**, conjunto de batalhas tais como **Itororó, Avai e Lomas Valentinas**, que acabaram com a **capacidade defensiva tática do adversário**, obrigando-o a refugiar-se nas

montanhas da Cordilheira e deixando livre e aberto o caminho para o **objetivo final - Assunção**, cuja ocupação aliada caracterizou, no campo estratégico, o fim da guerra.

A redução das últimas resistências adversárias ficou a cargo do Conde D'Eu, genro do Imperador D. Pedro II. A Guerra teve seu epílogo em **Cerro Corá**, em 1º de março de 1870, com a morte em ação do Marechal Solano López, que morreu de espada em punho, como um bravo, coerente com seu ideal que na ocasião chocava-se com o interesse nacional brasileiro e se constituiu em ameaça à **Soberania e Integridade** do Brasil. São coisas de um passado longínquo e feridas cicatrizadas, alicerces para uma cooperação mais íntima e produtiva para ambas as nações para construírem em conjunto uma Doutrina Militar Terrestre a serviço da proteção militar do MERCOSUL.

Neste conflito enfrentamos um dos mais valorosos e disciplinados soldados sul-americanos e em sentido figurado, cinco grandes generais adversários, que explicam as dificuldades enfrentadas pelos Aliados até Assunção e a grande duração do conflito. Foram eles:

- O **General Distância de Apoio Logístico**, Ou seja, a distância do Centro do Poder do Brasil no Rio de Janeiro, separado do TO, nos confins da Bacia do Prata, por milhares de quilômetros de caminhos marítimos e fluviais. Este general temível seria mais tarde enfrentado pela Inglaterra na Guerra dos Bôers na África do Sul e pela Rússia, na Guerra Russo-Japonesa e ultimamente pelos ingleses na Guerra das Malvinas.

-O **General Terreno Adversário** desconhecido, difícil por natureza e agravado por centenas de fortificações.

-O **General Paraná**, interposto inicialmente entre os aliados e

adversários em Passo da Pátria, obstáculo de vulto vencido com grandes sacrifícios e enfrentado depois da invasão, separando a Zona de Administração Aliada, em Corrientes, da Zona de Combate em território adversário.

-Os **Generais Tifo e Cólera**, que ceifaram milhares de vidas aliadas ou chegaram, em períodos críticos, a neutralizar a capacidade Ofensiva tática aliada.

Reflexos da Guerra na consolidação do Exército

Esta guerra, em plena Era Industrial, veio comprovar que um Exército não mais podia ser improvisado, de uma hora para outra, em razão da crescente sofisticação da Ciência da Guerra.

Em realidade, desde a sua criação, em 1824, o Exército Brasileiro sofreu diversas pressões que se refletiram negativamente em sua consolidação.

A principal delas foi a criação da Guarda Nacional, na Regência, cópia de similares na França e Estados Unidos. Esta instituição perdurou até a I Guerra Mundial, quando foi absorvida como 2ª linha do Exército no governo de Wenceslau Brás. Graças ao prestígio do Duque de Caxias e dos Marechais Osório e Câmara, heróis do conflito e Ministros da Guerra entre 1870/80, foram minimizados os esforços tendentes ao enfraquecimento e desprestígio do Exército.

No bojo da luta republicana, fruto da Questão Militar, emergiram no Exército duas correntes: a dos profissionais militares, desejos de um exército forte á altura das necessidades de Segurança Nacional, e a dos científicos ou bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas, muitos adeptos do Positivismo - a religião da Humanidade - , cujos reflexos na consolidação da instituição foram prejudiciais. Isto, em razão de seus adeptos militares não interpretarem e praticarem a nova filosofia, como o fez o Marechal Rondon. Este a um tempo só dedicado à integração do Brasil e ao índio, á Humanidade e, profissional de raros méritos, encarregado de combater a Revolução

de 24 e indicado pelo General Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa, como o general que reunia na época as melhores condições para comandar o Exército Brasileiro numa eventualidade de guerra. A corrente dos profissionais representada no Governo por Deodoro e Floriano não se fez ouvir.

Predominou a corrente dos científicos, com o regulamento do

Ensino Militar baixado pelo Ministro da Guerra Benjamin Constant, em 1889 que potencializou o Regulamento de 1874 de predominância científica e não profissional militar.

Regulamento voltado em demasia para a formação de oficiais bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas, sem a necessária formação militar, levando alunos de nossa Escola Militar na Praia Vermelha a ridicularizarem nossas tradições militares e debochavam, segundo Tasso Fragoso, ***“dos desfiles dos veteranos do Paraguai que marchavam com os peitos cobertos de medalhas.”***

Por isto o Brasil pagou alto preço em Canudos, na Bahia, e na Revolução Federalista (1893/95), no Rio Grande Sul, Paraná e Santa Catarina, onde o Exército revelou o mais baixo índice de operacionalidade de sua história. Os oficiais bacharéis estavam na política ou na administração. A tropa estava acéfala, liderada por chefes improvisados, despreparados e manipulados por lideranças políticas estaduais. A isto tudo assistiram imponentes alguns adeptos do profissionalismo militar, veteranos e filhos ou parentes de chefes da Guerra do Paraguai, como Hermes da Fonseca, João Nepomuceno Medeiros Mallet, Bernardino Bormam, Machado Bittencourt - atual Patrono da Intendência - e outros. Medeiros Mallet criou o Estado-Maior do Exército e marcou assim o início de uma gradativa Reforma Militar, visando ao progresso e consolidação do Exército. Criou em Piquete - São Paulo a fabrica de Pólvora sem fumaça e Machado Bittencourt introduziu o suporte logístico nas operações contra Canudos.

Em 1904. Hermes da Fonseca, Comandante da Guarnição do

Rio, realizou as primeiras manobras do Exército em Santa Cruz, seguindo o exemplo do Conde D`Eu, do qual fora Ajudante de Ordens e que realizara manobras militares em 1885, em Santa Cruz- RJ, Porto Alegre e em Saicã- RS. Na Escola Militar da Praia Vermelha reinavam os científicos.

Por esta época teve lugar em 1904, na referida Escola a Revolução da Vacina Obrigatória. Chegara oportunidade para corrente

profissional militar do Exército, chamada pejorativamente pelos **bacharéis ou doutores de tarimbeiros...** A escola foi fechada por um ano e depois extinta. A reforma de 1905 extinguiu o título de **Alferes** e introduziu o de **Aspirante a Oficial**. Os antigos Tenentes e Capitães do Exército, veteranos da Guerra do Paraguai, retomaram o elo perdido da consolidação da Reforma Militar. Fizeram a Reforma do Exército de 1908, a **implantação do Serviço Militar Obrigatório** (que fora implantada pelo Duque de Caxias em 1874 mas não continuada por seus sucessores) e, a absorção da **Guarda Nacional como 2ª linha do Exército** durante a Primeira Guerra Mundial, no Governo do ilustre mineiro e amigo do Exército Dr. Wenceslau Braz, personalidade marcante a quem se deve a localização, em 1922; às margens do Sapucaí, em Itajubá, do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, que tive a honra de comandar. em 1981/82., mas que não consegui aprovada a minha proposta do Batalhão ter como denominação histórica Presidente Wenceslau Braz

Afastada a Guarda Nacional, outra ameaça à consolidação do Exército se fez sentir particularmente a partir de 1922. **Foi o super dimensionamento das Polícias Militares**, dotadas algumas de todas as armas, blindados e até aviação e com capacidade de operar em outros estados, desviando-se, por contingências, das funções precípuas de Segurança Pública.

Esta ameaça foi superada com a **Revolução de 1930**, liderada no campo militar por oficiais egressos da Escola Militar do Realengo, a maior parte de ex- alunos da **Missão Indígena**, da Escola do Realengo, e constituída de uma equipe de instrutores de escol,

selecionada em concurso pelo Estado-Maior do Exército e que formou oficiais de alto padrão profissional e com uma visão ampla, realista e nacionalista dos caminhos a serem percorridos pelo Brasil, para atingir o seu destino de grandeza. Foram os alunos da **Missão Indígena** 1918/22 que criaram a Escola Superior de Guerra.

Permanência dos Ensinamentos Cívicos da Guerra

Os ensinamentos cívicos da Guerra de Paraguai continuam

evidentes na vida nacional e, em especial, no Exército e na Marinha. O Patrono do Exército é o Duque de Caxias, o arquiteto da vitória rápida nessa guerra. Outros heróis do conflito como Osório, Sampaio, Mallet, João Manoel e José Luiz Mena Barreto, Vilagran Cabrita, Severiano da Fonseca, Machado Bittencourt e Antônio João são os vultos maiores da Cavalaria, Infantaria, Artilharia, Engenharia, Serviço de Saúde e Oficiais do Quadro Auxiliar.

O Conde D'Eu, o Conde de Porto Alegre, Polidoro, Andrade Neves, Câmara, Conrado Bittencourt, Tiburcio, Deodoro, Gurjão e muitos outros tem seus exemplos evocados quase que diariamente em todos os quartéis do Brasil. Milhares de ruas, praças e edifícios espalhados pelo país imortalizam os nomes dos bravos citados e evocam seus exemplos. Poderia afirmar que a maioria das tradições do nosso Exército possui fundamento em sua participação neste conflito.

Foi dos campos do Paraguai que teve início a chama da **Abolição**, acendida pela oficialidade, em campanha, e transmitida ao Visconde de Rio Branco em memorável sessão que ele presidiu na **Loja Maçônica Fé**, em Assunção.

De retorno ao Brasil, sob o impacto da forte pressão recebida, assomou á Tribuna do Senado por diversas vezes, até ver, no ano seguinte aquela reunião, aprovada a Lei do Ventre Livre, primeiro passo para a Abolição.

Permanecem vivos os ensinamentos cívicos à nossa Marinha

legados pelo Almirante Tamandaré e por Barroso, Greenhalgh, Marcílio Dias, em Riachuelo. E os de Ana Nery, Rosa da Fonseca e Ludovina Porto Carrero, exemplos mais ilustrativos do valor e patriotismo da mulher brasileira.

Significado das Operações na Formação das novas Gerações do Exército

A guerra do Paraguai oferece um manancial de ensinamentos doutrinários às atuais e futuras gerações militares do Exército e da Marinha, bem como das Forças Armadas dos países que integram o MERCOSUL, com vistas à proteção militar deste mercado e em especial as Forças Armadas do Cone Sul. Pouco foi explorado criticamente até o presente, conforme evidenciamos. Quem os vem estudando criticamente há 59 anos são as sucessivas equipes de instrutores de História Militar de nossa Academia Militar. E isto, em aspectos relativos á análise crítica dos Princípios e Qualidades de Chefia, Virtudes Militares, características do Soldado brasileiro, elementos do Fator Militar. E tudo com vistas aos objetivos da Portaria 061/77 do EME, além de uma infinidade de itens e assuntos que compõem uma Doutrina Militar nos campos da Organização, Equipamento, Instrução, Desenvolvimento das Forças Morais da Guerra e Emprego de um Exército.

OBRAS DO AUTOR E PARCEIROS, RELACIONADAS COM A GUERRA DO PARAGUAI E PRINCIPAIS CHEFES MILITARES DO EXERCITO QUE LUTARAM NESTA GUERRA

1- BENTO, Claudio Moreira, **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.

2____. **História da 3ª Região Militar 1808/1889**. Porto Alegre. SENAI/RS, 1994.

3____. **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.

4____. **Brigadeiro Antônio de Sampaio, o patrono da Infantaria**. Resende: AHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS..2010

5____. **Conde de Porto Alegre bicentenário**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS,

6____. **Artilharia Divisionária da 6ª DE –Marechal Gastão de Orleans e Conde D`Eu.** Porto Alegre, AHIMTB/IHTRGS, 2005.

7____. **Artilharia Divisionária da 3ª DE- Brigadeiro Hilário Gurjão.** Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2011.

8____. **História da 6ª DE- Voluntários da Pátria.** Porto Alegre: AHIMTB,

9____. **História da 3ª DE - Divisão Encouraçada.**Resende:AHIMTB/IHTRGS, 2008.

10____. **História da 6ª Bda Inf. Blindada- Brigada Niederauer.** AHIMTB, 2003.

Porto Alegre:

11____. **Historia da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada,** Resende. AHIMTB, 2003.

12____. **Historia da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada.** Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS,2007.

13(____. **História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada.** Resende. AHIMTB/IHTRGS.2010.

14____. **História do Casarão da Várzea** 1885-2008. Resende:AHIMTB/IHTRGS,2008.

15____. **Escolas Militares de Rio Pardo** 1859/1911. Porto Alegre:AHIMTB/IHTRGS,2005.

16____. et GIORGIS,Ernani Luiz Caminha .A Guerra do Paraguai. **In:Brasil lutas contra invasões, ameaças e pressões externas.** Resende:FAHIMTB,2014.

Notas importantes

Foi nosso parceiro na autoria dos livros nº 5, 6, 7, 9, 10, 11,12,13,14 ,15 e 16 o historiador militar e hoje acadêmico benemérito Cel. Luiz Ernani Caminha Giorgis.Foram também nossos parceiros os historiadores militares e acadêmicos da FAHIMTB. Na obra nº 8 o Subtenente Reformado Osório Santa Figueiredo. E na obra nº 9 também o Major Andrei Clauhs e na obra nº 10 também, o Cel Mário José Menezes, e na obra nº 12, também o Sargento Reformado Carlos Fonttes e na nº 7 também o Cel Ernesto Caruso.As siglas AHIMTB. IHTRGS e ACANDHIS correspondentes a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e Academia Canguçuense de História, são entidades fundadas e presididas pelo autor que figuram como entidades sob cuja égide as obras acima do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul foram publicadas.

E obra didática importante sobre a Guerra do Paraguai e que foi por nos organizada e enriquecida como instrutor de História Militar na AMAN 1978/1980 ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS- CADEIRA DE HISTÓRIA MILITAR. **História Militar do Brasil**. Volta Redonda: Gazetilha, 1979.2v(Texto e mapas). Obra patrocinada pelo Estado-Maior do Exército. É obra importante igualmente sobre Caxias e a Guerra do Paraguai e na forma de cronologia:GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **Vida de Caxias Dia a Dia**.Porto Alegre:FAHIMTB -AHIMTB/RS- IHTRGS,2011.Produzimos outros livros e artigos com referência a Guerra do Paraguai e seus chefes do Exército Brasileiro que podem ser encontradas referências em meu livro.

BENTO, Claudio Moreira. **Memória de minhas atividades como historiador militar e, em especial como historiador do Exército Brasileiro 1970-2009**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2009.

(x). Natural de Canguçu- RS. Turma Aspirante Mega AMAN 15 fev 1955. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate 1981/1982 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército de 1985/1991, quando presidiu Comissão de autoridades civis em Museus. Pintura e Fortificações que indicaram o Forte de Copacabana, como local ideal para nele ser instalado o Museu do Exército, Acadêmico Grande Benemérito, presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), sediada no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde foi instrutor de História Militar (1978/1980).É membro Benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil(IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (IHGB). Foi adjunto do Cel Francisco Ruas Santos na Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército 1971/1974 e instrutor de História Militar na AMAN 1978 1980. Como oficial do Estado-Maior, do hoje Comando Militar do Nordeste, foi encarregado de coordenar o Projeto, Construção e Inauguração do Parque Nacional dos Montes Guararapes inaugurado em 19 de abril de 1971, pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, quando então ali lançou seu 1º livro As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. E sócio das Academias Portuguesa de História, da Real Academia de História de Espanha, da Academia Argentina de História e dos Institutos Históricos do Uruguai e Paraguai. Dirigiu o Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul consistente de 21 obras sobre suas Grandes unidades com sínteses biográficas de todos os seus comandantes sob o subtítulo, Os comandantes da Grande Unidade, suas experiências profissionais, ações e lições de comando. Acaba de lançar o livro Brasil Lutas contra Invasões, ameaças e pressões externas. E no momento prepara o livro Brasil Lutas Internas 1500/1916, com complementos de fontes históricas produzidas por patronos de cadeiras e acadêmicos sobre as lutas internas que tiveram lugar nos últimos 100 anos. Presidente fundador das Academias de História de Canguçu –RS, de Resende e Itatiaia. E também jornalista. É Comendador do Mérito Militar. E-mail: bento1931@gmail.com Site: www.ahimtb.org.br. Site criado e administrado por seu filho CMG Carlos Norberto Stumpf Bento,instrutor de Navegação na Escola Naval e autor do livro didático Navegação Integrada e também autor das capas da maioria de meus seus livros sobre a História do Exército. **Nota:Este artigo é artesanal e didático daí o uso de palavras e expressões em negrito, eu o digitei, formatei e o illustrei com 84 anos E seguramente contém erros e falhas.E solicito ao leitor que se fixe no fundo e não na forma. E nossas desculpas antecipadas pelas falhas e erros. E bom proveito!**

Patrocínio. **FHE** **POUPEX**

Como brasileiro, soldado, historiador militar e jornalista assistimos pelo **Canal 51 History HD** a lamentável apresentação da Guerra do Paraguai, na qual historiadores civis sul-americanos e dois brasileiros massacraram D. Pedro II e o Duque de Caxias, e defendeu o Brasil da maneira que lhe foi possível e com argumentação sólida, o historiador e acadêmico brasileiro Doratioto, autor do livro **Maldita Guerra**. Foi lamentável este desserviço do citado canal e bem diferente de sua abordagem em alto nível da Guerra de Secessão nos EUA. Foi lamentável a ausência na abordagem da Guerra de Paraguai de militares brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios com análises militares mais precisas e isentas. É natural que historiadores de países que se confrontam em guerras tenham visões diferentes coerentes com os objetivos de seus países. Mas foi surpreendente dois escritores brasileiros com seus achismos passionais massacrarem o Brasil e seus heróis fazendo coro com os historiadores sul-americanos. Deixo aqui o meu registro e decepção como brasileiro e historiador militar.